

PERSPECTIVA

Menos inflação, mais crescimento. A receita de 86

Ano Novo, vida nova. Na prática, 1986 parece estar destinado a confirmar a sabedoria popular, na opinião de líderes empresariais, rurais e trabalhadores. Apesar de reconhecer que muitas dificuldades ainda permanecem — dívidas, inflação, seca — a maioria considera satisfatórios os resultados do ano passado e está confiante no futuro.

A agricultura — duramente agredida pela estiagem — admite a importação de alimentos e preços elevados, mas espera

mais recursos e melhores dias. O mercado de capitais conserva a animação, com base no comportamento de 1985.

Algumas áreas consideram 1985 como o ano da retomada da esperança e este ano como o da sua apoteose. Também os trabalhadores acreditam no êxito do País, mas defendem medidas mais drásticas contra a inflação. Em meio a considerações sobre as dificuldades de um ano políticos, eles dizem o que esperam dos 12 meses deste ano.

Ano eleitoral exigirá decisões mais rígidas e concessões na área social

"A projeção para a economia em 1986 não oferece enigmas preocupantes, a não ser pela intensificação das pressões inflacionárias. E o próximo ano terá, como 1985, um forte ingrediente eleitoral, obrigando a que decisões mais rígidas incluam concessões de modo a não comprometer as expectativas sociais. Portanto, de uma forma geral e direta, 1986 deverá reprisar 1985.

A incógnita é a possibilidade de reversão ou não da inflação que iniciaremos o novo ano.

Vale destacar, que dificilmente poderá

ser mantido o mesmo padrão de crescimento dos salários que se verificou no decorrer de 1985. Isto porque o aumento da produtividade não poderá absorver ganhos reais acima de 10 por cento ao ano. Mas, ainda que esta perspectiva seja concreta, não se poderá cair no radicalismo do congelamento dos salários e preços, instrumento inflexível para segurar a inflação, comprovadamente desgastado e ineficaz. Então, teremos, isto sim, um propósito de moderação nos reajustes dos ganhos dos assalariados, sem o qual o conjunto de objetivos ficaria frustrado para se concretizar."

LUIS OCTAVIO VIEIRA, Presidente da Federação do Centro das Indústrias do Rio Grande do Sul

Campo espera mais apoio do Governo

"A recente retomada do crescimento econômico, que se prevê de sete por cento, recoloca, com um sentido nítido de urgência, o problema do abastecimento. Os dados da questão são, em síntese, os seguintes:

1.º) Forte aumento da demanda de alimentos, em razão do: — aumento do emprego; aumento do salário real e da massa salarial; e programas públicos de alimentação popular;

2.º) — Importante redução da safra de grãos, café, leite e carne do Centro-Sul, determinada pela pior seca desde 1963;

3.º) — Inexistência de estoques estratégicos de alimentos no País.

Assim, é difícil deixar de prever para este ano a probabilidade de um choque de oferta de produtos agrícolas, com efeitos sobre os preços.

Admitamos o dado fundamental da questão: não há política de abastecimento e preços viável se não houver política agrícola que viabilize antes a produção. De que adianta confiar em importações caras e difíceis ou formular esquemas de controle de preços mais ou menos ameaçadores, se não houver o ânimo de produzir? De que vale culpar o clima pela crise de abastecimento se, imprevisíveis, não cuidamos de desenvolver nossa produção e manter estoques estratégicos de alimentos?

A agricultura brasileira está, hoje, em sua undécima hora. O desafio de abastecer as cidades e gerar divisas para o País não poderá ser superado se continuarmos a encarar com menosprezo o campo. Produzir é a primeira e insubstituível etapa de abastecer. E quem há de se dispor a produzir pagando a mais alta taxa de juros real que qualquer agricultor jamais pagou?

A seca desnudou o fato. O fato é que carecemos de uma política agrícola. Crescer é ótimo. Desenvolver a indústria é vital. Gerar tecnologia é fundamental. Para tudo isso encontramos recursos financeiros e aplausos da sociedade.

E para encher nossos estômagos? Que tal pararmos de tributar nossa agricultura e passarmos a tratá-la como uma atividade essencial à vida humana? Antes que seja tarde..."

FLAVIO TELES DE MENEZES, Presidente da Sociedade Rural Brasileira

Estiagem poderá afetar o esforço

"Alguns fatores importantes condicionam o bom desempenho da Economia em 1986, senão vejamos. A maior seca do século no Centro-Sul do País continuará com suas repercussões negativas, não só em relação ao abastecimento normal, gerando necessidades de importações de alimentos e sacrificando as nossas reservas em moeda estrangeira, como, e principalmente, pelos seus reflexos diretos no aumento da inflação. Além disso, criará problemas sociais e econômicos para os Estados daquela região, pela diminuição de empregos e queda de arrecadação de ICM. Isso tudo, sem falar na redução da nossa receita com exportações de commodities (produtos básicos).

Encerramos 1985 com a economia bastante aquecida pela grande demanda interna, situação que deverá permanecer pelo menos no decorrer do primeiro semestre de 1986, dada a diminuição do desconto do IR na fonte dos assalariados; a queda de reajustes, de um modo geral trimestrais e já pelo IPCA, índice que historicamente tem se situado acima do INPC.

A eleição para a Constituinte, governadores, prefeitos e vereadores de todas as cidades é fato de relevância política que não deve ser menosprezado, porque o Governo da Nova República necessita constituir a maioria no novo Congresso, bem como eleger governadores em grande parte dos Estados, o que dificultará a manobra de austeridade monetária, fiscal e bancária.

E universalmente comprovada a consequência que as expansões da base monetária e dos meios de pagamento têm sobre a inflação. Nos últimos 12 meses, aqueles dois agregados monetários cresceram em percentuais superiores ao desta última, o que projeta uma elevação nos preços.

O giro da enorme dívida mobiliária interna de Cr\$ 250 trilhões em títulos, com prazo médio inferior a um ano, além da necessidade de colocação líquida de Cr\$ 22 trilhões e, ainda, da redução em Cr\$ 35 trilhões das despesas com juros, objetivos estes do recente "pacote" do Governo, serão conquistas que merecerão aplausos. Mas as dificuldades são muito óbvias, inclusive pela maior demanda de crédito por parte da iniciativa privada, resultante do crescimento econômico e ocupação da capacidade ociosa das indústrias.

Não se pode deixar de dar importância ao fato de que o País precisa ter tranquilidade no front externo logo no início de 1986, sob pena do problema da dívida externa, que já estava equacionado antes do início da Nova República, vir a se complicar pelo tratamento político inadequado que lhe possa ser dado, o que poderá comprometer negativamente todo o comportamento de nossa economia no próximo ano."

CARLOS BRANDÃO, Presidente da Associação Nacional das Instituições do Mercado Aberto

Economia precisa de comando forte

"O Brasil precisa de espaço para planejar o seu futuro. O País não suporta mais conviver com o horizonte de 24 horas, que caracterizou a administração recente de sua economia.

Mas o crescimento de sete por cento, previsto para este ano, não deve alimentar a variável que vai da depressão à euforia com extrema facilidade.

E preciso não esquecer: esses sete pontos se realizam em cima de uma recessão brutal. Na verdade, ainda que pareça paradoxal, estamos crescendo sobre o atrasso, isto é, o consumo está calçando o sapato que estava na prateleira.

Temos, visivelmente, dois fatores combinando-se nesse taxa de expansão: a ocupação da capacidade ociosa da indústria e o atendimento parcial da demanda reprimida do consumidor.

Precisamos em 86:

1. Prosseguir no crescimento sobre o atrasso, a fim de que possamos chegar ao centenário da República, em 1989, pisando o solo firme, e não fazendo evoluções no tapete, sem rede embaixo; é preciso voltar a crescer para a frente;
2. Que o Governo gaste menos e gaste melhor, porque em 1985 nenhum fato novo, nessa área, chegou a nos comover. Até pelo contrário; 3. Que se recupere a moeda brasileira, hoje aviltada num limite indesejável;
4. Que a democracia continue, ajudando a economia.

HIRAN REIS CORRÊA, Presidente da Associação Comercial de Minas Gerais

Bolsa espera a mesma expansão

"A expansão do mercado não se deu apenas pela rentabilidade e pelo aumento dos volumes. Se refletiu também na ampliação do universo dos investidores, principalmente daqueles que fazem suas aplicações através de fundos mútuos e clubes de investimentos.

Hoje, segundo estimativas da Anbid, o universo dos investidores que optaram pelos fundos de ações já ascende a mais de 10 milhões. Os fundos de pensão agregam mais de 5 milhões e os dois mil clubes de investimentos atendem a mais de 200 mil.

O mercado de ações foi bom para esses milhões de investidores. Também contribuiu para a capitalização das empresas nacionais. Se somarmos as emissões registradas na CVM as vendas em mercado do BNDES, dentre os quais o recente lançamento de 5 milhões de ações da Petrobrás, a contribuição do mercado para a capitalização ascende a US\$ 1 bilhão.

A se manter a expansão do mercado em 86, certamente dará uma contribuição ainda maior à economia."

ENIO RODRIGUES, Presidente da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro

Resultado foi bom mas os problemas internos e externos ainda persistem

"Merece destaque a ênfase atribuída pelo Governo à questão social. Nesses termos, o programa econômico enviado recentemente pelo Executivo ao Congresso Nacional destinou Cr\$ 76 trilhões para projetos na área social em 1986, valor seis vezes superior aos recursos destinados ao setor este ano. Ademais, no projeto de lei sobre legislação fiscal encaminhado na mesma ocasião, o Governo estabeleceu medidas visando o aumento da justiça social no País, na medida em que reduziu a carga tributária dos contribuintes de menor renda.

Isso demonstra, inequivocamente, a consonância da ação governamental aos objetivos estratégicos do Governo Sarney de combate à pobreza e às disparidades no nível de renda entre os brasileiros.

Na área externa, o ano de 1985 deverá registrar também um desempenho favorável da balança comercial brasileira, cujo superávit provavelmente ultrapassará os US\$ 12 bilhões.

A despeito dos bons resultados conseguidos em alguns componentes do cenário econômico, ainda persistem sérios problemas de caráter interno e externo. O mais sério deles é a elevada inflação do País, que, este ano, situar-se-á acima dos 200 por cento pela terceira vez consecutiva.

Sendo a causa básica do problema inflacionário o elevado déficit público brasileiro, conclui-se que o esforço governamental para a redução do referido déficit não foi o suficiente bastante para neutralizar ou mesmo minimizar o problema. Ressalta, então, a incapa-

cidade do Governo de reduzir substancialmente os seus gastos.

É necessário, portanto, que o esforço governamental de redução de gastos, ainda tímido, porém já demonstrado, seja ampliado no sentido de compatibilizar o déficit público com as reais capacidades da economia brasileira.

As perspectivas para 1986 apontam um cenário econômico internacional favorável, com a manutenção do nível do comércio mundial, das taxas de juros e, talvez, de uma pequena redução ainda dos preços de petróleo.

Internamente, além da esperada pressão sobre os preços de produtos agrícolas, decorrente da seca verificada nos Estados do Sul/Sudeste, não deverão ocorrer fatos perturbadores do cenário econômico.

O equilíbrio da economia em 1986 dependerá, uma vez mais, de modo muito significativo, do resultado das contas governamentais, ou seja, o bom ou mau desempenho do setor econômico será função da maior ou menor capacidade do Governo de efetivamente conter os seus gastos, já que o lado da receita está no limite da sua capacidade de contribuição."

ANGELO CALMON DE SA, Presidente do Grupo Econômico

Movimento sindical consciente não acredita no caos e prevê sucesso

"Para este ano, algumas aves de mal agouro estão prevenindo e jogando numa inflação galopante e incontrolável, por volta de 500 por cento. São aqueles que apostam no "quanto pior melhor" e fazem o jogo dos especuladores, que se aproveitam dessa previsão para começar a aumentar o preço de seus produtos a partir de agora. A inflação continua sendo um desafio, mas não podemos dizer que esteja descontrolada ou seja incontrolável. O que precisamos fazer é dar maior eficiência aos mecanismos de combate, principalmente do controle de preços, que pode ser feito através de estoques reguladores.

Porém, o movimento sindical mais consciente não aposta no caos, no confronto como querem alguns que se dizem representantes dos trabalhadores. Apostamos, sim, em medidas sérias de combate aos especuladores e que se coloque na cadeia aqueles que vivem da inflação, assim como os urubus da carnificina.

Acreditamos que, em 1986, vamos ter algumas compensações. A retomada do desenvolvimento econômico já é uma realidade, as taxas de desemprego tendem a se reduzir e o Governo se mostra preocupado com o controle e com a redução do déficit público.

Há uma diferença entre aqueles que querem defender os trabalhadores e aqueles que querem defender suas próprias propostas. Os que querem o confronto, em sua maioria, nem são trabalhadores e até nunca entraram em uma fábrica. Nós temos consciência de que

precisamos continuar lutando, pois o empresariado brasileiro não se enfrenta com discursos, mas com ação correta e séria, com organização, mobilização e fortalecimento do movimento sindical. Daí a estimular os conflitos, vai uma diferença muito grande.

Finalmente, 1986 como ano político, acreditamos seja o ano que se caracterizará pelas definições de rumo desta Nação. Vamos eleger uma Constituinte e esperamos que ela seja realmente livre, democrática e soberana. Para que isso ocorra, é preciso que todas as tendências estejam representadas, todas as camadas sociais e de base. E o movimento sindical pretende lá estar representado, para que os trabalhadores tenham voz e voto na elaboração da nova Constituição.

Será um ano em que teremos muitas modificações no campo político. Alguns partidos deixarão de existir e surgirão outros. E o ano em que vai se definir a linha ideológica de cada partido. O ano que se avizinha será um ano de conquistas, um ano em que, acreditamos, o Governo Brasileiro vai se convencer de uma vez de que não há outra alternativa a não ser romper definitivamente com o FMI. O Governo precisa dizer não ao FMI, não aos banqueiros internacionais e sim ao Brasil. Mas, para isso, há necessidade de um grande pacto, que lhe dê sustentação política e popular. No entanto, esse pacto só será possível quando da elaboração de uma nova Constituição. Ai, sim, poderemos ter um pacto com a participação dos partidos políticos, pois não vemos como possa existir pacto social sem a participação dos partidos políticos."

JOAQUIM DOS SANTOS ANDRADE, Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo

A tendência de ter de investir

"Estamos diante de um sério e grave desafio: A tendência do mercado é a de manter acesa a chama da animação. As atividades produtivas terão de retomar seus investimentos. Essa exigência de mais e inadiáveis investimentos trará, naturalmente, uma pressão inflacionária que terá de ser contida.

Estamos otimistas com relação a 1986 e apostando na manutenção desse quadro de mercado muito aquecido. O esforço de todos nós deverá ser voltado, a partir de agora, para o objetivo nacional de curto prazo: vencer o inimigo público número um — a inflação. E, simultaneamente, não só sustentar como ampliar a produção mantendo o poder de compra dos salários.

"Toda a Sociedade deve estar conscientizada de que mais sacrifícios teremos de fazer. Sacrificios quanto ao lucro e, também, quanto aos ganhos reais dos salários, que não poderão ser superiores aos ganhos da produtividade. O Governo, por sua vez, terá de dar mesmo um bom exemplo, contendo os seus gastos, evitando o superfluo."

O segundo semestre de 1985, motivou-nos a projetar para 1986 uma otimista expectativa. Mas também nos alerta para as causas e efeitos: a retomada dos investimentos permitirá a geração de mais e novos empregos, da mesma maneira que poderá criar problemas de inflação e dificuldades na balança de pagamentos — se vamos ampliar o crescimento, vamos importar mais, conscientemente."

TASSO JEREISSATI, Presidente do Grupo Jereissati

Siderurgia teve mais 90% de uso

"Nossa indústria siderúrgica dispõe de vantagens comparativas baseadas na abundância de energia e minérios, numa estrutura de produção moderna e na qualidade dos seus recursos humanos.

A recuperação do mercado interno, e a manutenção das exportações possibilitou a siderurgia elevar a utilização de sua capacidade, em 90% em 1985.

Para 1986, são metas a capitalização, como questão fundamental para o desenvolvimento auto-sustentado; o estabelecimento de uma política de preços coerente e realista, que permita a siderurgia gerar parcela substancial dos recursos necessários às futuras expansões; alocação de recursos para o término dos empreendimentos siderúrgicos em andamento, considerando-se que sua paralisação custará mais ao País que a sua conclusão; e o reinício do processo de expansão do parque siderúrgico brasileiro, com nova estrutura financeira e de capital, para mantermos a posição da indústria siderúrgica nacional, moderna e competitiva."

ADHEMAR DE CARVALHO BARBOSA, Presidente do Instituto Brasileiro de Siderurgia

Construção civil tem demanda mas a falta de recursos entrava progresso

"Nos últimos três anos, a indústria da construção civil, só em São Paulo, reduziu a um terço suas atividades. E São Paulo é uma cidade que recebe, anualmente, meio milhão de habitantes, o que representa uma demanda de 60 a 80 mil novas moradias por ano.

Com o retorno da confiabilidade no Sistema Financeiro da Habitação (SFH), o mercado imobiliário viu-se diante da possibilidade de voltar à normalidade. Havia o produto, antes estocado, porém ainda não havia o comprador. Agora o comprador volta, com segurança, a procurar o imóvel.

Ainda assim, 1986 poderá caracterizar-se pelo agravamento do déficit habitacional e pela disparidade dos preços dos aluguéis e dos imóveis disponíveis à venda, nas faixas de renda média.

Evidentemente, esta indústria só poderá suplantará as cíclicas crises que atravessa se puder contar com recursos a ela exclusivamente destinados.

Hoje, a faixa de baixa renda já conta com o apoio do Banco Nacional da Habitação (BNH), seja através dos recursos do FGTS (Cohabs, Incoops, Cooperativas Habitacionais), seja a partir dos mutirões, cada vez mais estimulados pelo Gover-

ROMEU CHAP CHAP, Presidente do Sindicato das Empresas de Compra, Venda, Locação e Administração de Imóveis de São Paulo

Empresário considera desemprego e dívida interna os maiores problemas

"Coexistem diferentes pensamentos no Brasil e a definição de prioridades para sanear os problemas econômico-financeiros ainda não está muito clara. Não sou da opinião de que o nosso maior problema é a dívida externa, mas sim a dívida interna, a inflação e o desemprego.

As medidas econômicas de choque adotadas recentemente na Argentina aparentemente se mostram bem-sucedidas, não pela introdução da nova moeda, mas porque, antes de criá-la, o governo pagou sua dívida interna com a moeda velha. Mas o Brasil não é a Argentina e é óbvio que não pode ser simplesmente copiado, embora como na Argentina, o Brasil precisa resolver o problema de sua dívida interna, sem o que não se terá o esperado controle da inflação.

Em nossos planejamentos para 1986, levamos em consideração uma conduta econômico-financeira semelhante à atual, ou seja, em primeiro lugar, um crescimento da economia, como neste ano, de seis a sete por cento, acompanhado de um difícil controle da inflação, devido, repito, ao endividamento interno não resolvido. Assim, contamos com uma tendência de aumento da inflação em 1986, que só ficará nos atuais 233,65 por cento se

forem adotadas medidas de emergência, extraordinárias e não convencionais.

Em segundo lugar, prevemos uma negociação confiável e previsível de desvalorização do cruzeiro em relação ao dólar e acordos salariais que correspondam ao crescimento da produtividade. A principal contribuição para o desenvolvimento econômico se dá com a colaboração para o aumento do emprego, de acordo com as condições da empresa, isto significa investimentos, que, no caso da Mannesmann, alcançaram US\$ 70 milhões em 1985, a ser mantido nos próximos anos.

Estou otimista em relação ao desenvolvimento do nosso País, que será positivo se todos os grupos que têm participação no cenário econômico nacional, como o Governo, os produtores, os trabalhadores, os sindicalistas, os empresários, os políticos e a Igreja, se esforçarem pela solução pacífica dos problemas e adversidades.

A abertura e a redemocratização política possibilitaram o retorno das liberdades pessoais, que não podem ser limitadas por nenhum dos lados."

PETER ULRICH SCHMITHALS, Presidente da Mannesmann S/A.

Indústria automobilística vê ano como o tempo da grande confiança

"Visto 1985 em flash-back, eu diria que este foi o ano da retomada da esperança, da fé, da expectativa de se conseguir o que se deseja. Um ano que nasceu sob o anseio da retomada da democracia e do fim da recessão e no qual se concretizaram essas expectativas.

O Brasil deu, no campo político, exemplo de amadurecimento e de capacidade de decidir, pacificamente, sobre seu próprio destino. No campo econômico, demonstrou sua inequívoca vocação empreendedora e desenvolvimentista, além de uma elogiável capacidade de recuperação.

A uma política governamental não recessiva, o setor industrial respondeu de maneira marcadamente positiva, no qual o sólido crescimento do setor de bens de capital é um indicador de que não apenas a utilização da capacidade ociosa, mas, também, novos investimentos são responsáveis pela expansão industrial obtida.

O setor de bens de consumo duráveis foi dos principais responsáveis pelo crescimento da indústria como um todo, graças ao aumento da taxa de emprego e do aumento real dos salários, acima da inflação.

Na indústria automobilística, cujo crescimento é da ordem de 13 por cento, é de se registrar que vem se somar aos fatores acima a oferta artificialmente mais bara-

ta, devido ao congelamento e, posteriormente, ao controle de preços.

Foi um ano particularmente positivo para a Fiat Automóveis, a marca que apresentou maior crescimento, com vendas superiores em 40 por cento às obtidas em 1984. Vamos encerrar o ano com uma penetração acumulada superior a 12 por cento, contra 10,5 por cento no final de 1984 e mais: no campo das exportações, a Fiat Automóveis se consolida como a maior exportadora privada brasileira, com vendas ao exterior da ordem de US\$ 340 milhões.

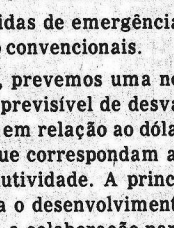
SILVANO VALENTINO, Diretor-Presidente da Fiat Automóveis S/A.



Barbosa



Chap Chap



Rodrigues



Calmon de Sá

